

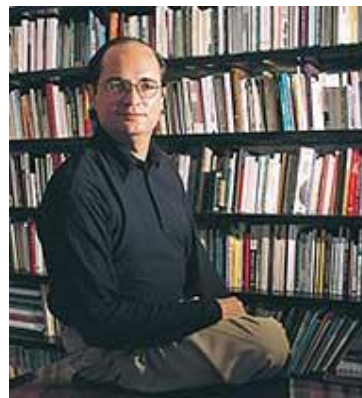
Psicologia

“Os pais estão mal”

Em seu quinto livro, o psicanalista Jorge Forbes afirma que *Matrix* e a música eletrônica são soluções que a juventude dá para este momento

Camilo Vannuchi e Carla Gullo

Entusiasta da música eletrônica e fã do filme *Matrix*, o psicanalista Jorge Forbes, 52 anos, tem motivos para criar polêmica. Aluno de Jacques Lacan nos anos 70 e um dos principais responsáveis por trazer a psicanálise lacaniana ao Brasil, ele se difere em algumas opiniões. Enquanto a maioria de seus colegas considera esta uma geração individualista, Forbes elogia a atitude criativa da moçada e admira sua capacidade de lidar com a passagem da era industrial para o mundo globalizado. Idéias como essas estão reunidas nas crônicas e conferências publicadas em seu novo livro *Você quer o que deseja?* (Best Seller), cujo título já causa uma certa inquietação.



“O adolescente de hoje não é um rebelde, mas um mutante. Ele sabe lidar com o mundo não cartesiano. Responde à ética do desejo, não à do dever”

ISTOÉ – Qual a diferença entre querer e desejar?

Jorge Forbes – Existe uma incompatibilidade entre esses dois verbos que, no consenso, caminham juntos. Mas não é assim. Em geral, o querer está vinculado à necessidade biológica – quero comer, quero dormir – e o desejar está ligado a aspectos de prazer expressos em frases como “mais forte do que eu”. O homem é o único animal que come por apetite e não por necessidade. Escolhe entre ir a um restaurante ou ao cinema. Nossa vida é marcada por decisões que nem sempre têm a ver com necessidade.

ISTOÉ – É difícil escolher?

Forbes – Sim. Toda vez que se escolhe algo que deseja, há possibilidade de não ser compreendido. Quanto mais alguém quer ser compreendido, mais recorre ao senso comum. Por exemplo: a escolha de passar o réveillon em Copacabana tem mais chance de ser aceita do que a de ir para um lugar que ninguém conhece. Essa é uma forma careta de viver. Uma escolha média leva a uma satisfação média, a uma vida sem sobressaltos.

ISTOÉ – Mas antes o senso comum não era regra?

Forbes – Estamos entrando na era da globalização e vivemos uma mudança no eixo das identidades. Na era industrial, havia um eixo vertical. Impunham-se padrões de comportamento: o cinema e o teatro que deviam ser vistos, a profissão certa, a idade para casar... Tínhamos uma sociedade referenciada. Na globalização, as pessoas se vêem jogadas ao exercício da singularidade. Isso gera uma época de criatividade superior à outra, mas traz novos problemas como o desenfreamento do consumismo.

ISTOÉ – Você compara essa questão do desejo ao filme *Matrix*.

Por quê?

Forbes – *Matrix* é um filme sobre decisão, desejo e opção. Acho que o sucesso de *Matrix* entre os moços se deve ao fato de estimular uma reflexão sobre a obrigatoriedade de se optar. Este é o grande problema da globalização. Uma vez que existem possibilidades multiplicadas, é preciso optar.

ISTOÉ – A música eletrônica e o *Matrix* são símbolos da juventude?

Forbes – São soluções que a juventude dá ao momento atual. Essa juventude se deparou com um mundo despadronizado e o nomeou mundo mix. Quando se quebra o padrão, se quebra também o diálogo como cimento fundamental do laço social, como era considerado pelos iluministas, que tinham o saber como direção principal da experiência humana. Quando duas pessoas falam com parâmetros diferentes, o diálogo é substituído por monólogo. Achava-se que a quebra do diálogo levaria à explosão do vínculo social e à barbárie. Quebramos o padrão e a barbárie não veio. Esperava-se que caíssemos em uma época de promiscuidade sexual e ela não veio.

ISTOÉ – Então o grande problema da juventude não é a tão propalada falta de perspectiva?

Forbes – Existe uma falta de perspectiva porque nossa geração quebrou os valores. Os moços de hoje têm que inventar seu futuro. Na era da globalização, são obrigados a assumir com responsabilidade o que fazem. Os laços sociais tornam-se mais frágeis no tempo e mais responsáveis na escolha. Essa mudança é um problema para quem gosta da acomodação e é uma vantagem para os que suportam a criatividade. Acho que essa geração está bem. Quem está mal são os pais.

ISTOÉ – Por quê? Os pais não se sentiram sempre desconfortáveis no mundo dominado pelos filhos?

Forbes – Acho que não. Na era anterior, os jovens se rebelavam contra os pais, mas criavam um mundo à imagem e semelhança do anterior. O adolescente de hoje não é um rebelde, mas um mutante. Ele sabe lidar com o mundo não-cartesiano. A nova geração não responde à ética do dever como nós, mas à ética do desejo. Entre o jovem de 2003 e o jovem de 1968 há uma diferença fundamental. Mudaram a ética, os laços sociais, houve uma proliferação das possibilidades, uma maior exigência da escolha.

ISTOÉ – E como serão os adolescentes nesta configuração de mundo?

Forbes – Estou quase apostando que a adolescência, tal qual a conhecíamos, não haverá mais.

ISTOÉ – O que virá, então?

Forbes – Chamamos de adolescência uma fase entre a infância e a idade adulta. É uma época na qual a pessoa teria que, progressivamente, adaptar sua forma de trabalhar e de se satisfazer, em consonância com o mundo dito adulto. Essa divisão fica relativizada às particularidades de cada um, pois, se não há mais padrão, não há como manter válidas categorias como rebeldia. Só existe rebeldia se houver um padrão fixo.

O exemplo da Suzane von Richthofen (a menina que planejou o assassinato dos pais, no ano passado) mostra como nossas categorias estão ultrapassadas.

ISTOÉ – Por quê?

Forbes – A violência social é nossa velha conhecida. O que nos falta são categorias para lermos suzanes, para lermos o estudante que põe fogo na sua escola para ver

uma fogueira de São João, ou põe fogo no índio. Precisamos criar novas categorias para entender esse tipo de violência, que não respeita classe social.

ISTOÉ – Além desta nova violência, quais outros sintomas esta nova formação da sociedade traz?

Forbes – Um exemplo são as novas históricas. Nós aprendemos a amar a velha histórica. Ela era legal, tinha seu charme. Contestava qualquer ordem estabelecida. Se você chegasse e dissesse a ela “eu te amo”, ela virava a cara e reclamava “só porque eu sou bonita”. A nova histórica é completamente desregulada do sentido da ordem e mais violenta. Ela é como Medéia, que matou os próprios filhos para demonstrar sua raiva por Jasão. A nova histórica busca obter o que deseja sem dó. Suzane assassinou os pais e fez um churrasco no dia seguinte não por ser uma psicótica nem uma psicopata. O psicótico não reconhece o que faz e o psicopata reconhece, mas não dá importância. Acho que Suzane não é nem uma coisa nem outra. É o exemplo atual de uma nova forma de ser, que deseja sem querer, que age por desejo, de maneira inconsequente.

ISTOÉ – A sociedade percebeu onde leva o caminho do não-limite. Isso não é uma vantagem para os pais recentes?

Forbes – Sem dúvida. Meus filhos, de 14 e 21 anos, fizeram parte dessa geração mutante. Agora, as crianças mais novas já vivem uma fase um pouco mais confortável, para a qual a vanguarda não é novidade. Nossa geração foi muito marcada pela regra de que os pais deveriam falar tudo aos filhos e estes só deveriam cumprir obrigações se as entendessem. Mas muita coisa que queremos de nossos filhos não será compreendida por eles. Os pais precisam aprender a ser arbitrários. Não dá mais para fazer sermões ou discursos.

ISTOÉ – Essa nova atitude existe em toda a sociedade?

Forbes – Em toda ela. Minha proposta é “não se justifique, não se explique”. Vale para a relação pai e filho, professor e aluno, chefe e subordinado. Não adianta querer explicar. Escrevi uma carta ao Lula, publicada no livro, em que digo isso a ele. “Você está fadado a ser incompreendido. Para de se justificar porque não vai dar certo.” A nova liderança deve aprender a lidar com isso.

ISTOÉ – Mas não é complicado dizer a um presidente eleito que ele não deve explicações a seus eleitores?

Forbes – Ele não vai saciar jamais o pedido de explicação. Freud dizia para não tentarmos acalmar a fome do superego porque o superego é insaciável. Essa instância cobradora de posições chama-se superego. Quanto mais tentarmos nos adequar a ele, mais ele vai dizer que ainda não é suficiente: “Lula, você se desculpou aos idosos, mas você devia ter ido lá para a fila. Aliás, devia ter ficado na fila. Mais do que isso, você devia ser um idoso. Aliás, você devia ter morrido na fila.”